



Resenhas

Preia-mar, de Eritácio Pais

Preia-mar, by Eritácio Pais

BENJAMIN ABDALA JÚNIOR*

O romance inédito *Preia-mar* (2016), de autoria de Eritácio Pais, editado pelos professores Paul Melo e Castro (Universidade de Leeds, Grã-Bretanha) e Hélder Garmes (Universidade de São Paulo), recentemente publicado em Goa, na Índia, constitui uma importante narrativa, escrita em Língua Portuguesa, por sua efabulação e para a compreensão da situação sociocultural dessa região, colonizada até 1961 pelos portugueses, quando então foi anexada à União Indiana. Da edição, consta um desenvolvido posfácio dos editores, que apresentam de forma bastante lúcida o sentido histórico-cultural da publicação, e uma nota informativa da filha do autor, falecido há sete anos (1924-2009), que cedeu os originais aos editores. Esclarece-se que o título da publicação é de autoria dos editores, pois Eritácio Pais não dera um título ao romance. Os editores esclarecem os leitores, na quarta página de capa, de que o título veio das tensões que aparecem no romance entre as classes tradicionais e novos grupos em ascensão. Trata-se de uma simbolização extensiva ao conjunto da vida goesa, efabulada nas especificidades de sua nova situação pós-colonial.

* Professor Titular na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo.

A visão crítica do escritor evidencia os principais problemas por que passou Goa, logo após sua anexação. Se de um lado Pais não aceita uma visão tradicionalista, pois ainda afeita a um mundo de castas e sob o jugo da longa e passadiça ditadura salazarista, de outro também ironiza e rejeita o arrivismo econômico da nova situação de Goa, centralizada nos anos de 1970. Contista, esta edição póstuma é o primeiro e único romance de Eritácio Pais, em que preserva sua prosa dura, na qual a atmosfera de tragédia se mescla com horizontes poéticos.

Preia-mar é a avassaladora maré alta, que tudo carrega em seus movimentos vertiginosos, procurando nivelar a tudo, de forma a ocupar todos os espaços. Simbolicamente, seria a perspectiva hiperindividualista, sem qualquer preocupação de ordem social, imbuída da busca do lucro, sempre em proveito próprio. Para tanto, quaisquer procedimentos, mesmo ilícitos e sem maior preocupação ética, seriam válidos. Essa é a maré que sobe, quando a região é invadida pelos *hippies* e um turismo de massa, que viria a se afirmar ainda mais nas décadas seguintes.

A maré goesa mostra-se como uma particularidade da maré global, em que o que importa é enriquecer, lucrar de todas as maneiras possíveis. Que perspectiva restaria? A volta ao tradicionalismo elitista anterior? Não é o que Leo, a personagem protagonista, aspira, e nem o que a enunciação do romance aceita, em suas estratégias narrativas. Com os horizontes fechados, a nova situação sociocultural que vinha do conjunto da Índia era um convite para que essa personagem dançasse conforme a música.

Na nova situação histórico-cultural, as articulações elitistas do mundo das tradicionais castas são comutadas pelo das classes sociais. Preserva-se, no fundo, o mesmo sistema de domínio sociopolítico, inclusive nas relações entre famílias, mesmo baseando-se na riqueza produzida pelo contrabando. É importante que se repita: o escritor está focando basicamente os anos de 1970. A situação atual é diferente. Estamos distantes do passado português, não considerado por esses processos enunciativos, pois o mundo agora é outro. Na ascensão arrivista da burguesia, a antiga elite rural, afeita ao sistema colonial, foi colocada em segundo plano.

Os editores classificam a narrativa como um romance indiano de língua portuguesa, por considerarem “que a corrupção ali representada é de todo o estado da Índia e não somente goesa. O contrabando também o é. Nesse nível, *Preia-mar* pode ser lido ao lado de outros romances coevos indianos de língua

inglesa e de línguas *bhashas*” (p. 287). Trata-se de uma das inclinações “para a constituição dessa literatura, o que é significativo para o contexto da literatura goesa de língua portuguesa” (p. 287). Há que se considerar, não obstante e nessa perspectiva, a particularidade regional goesa, sua formação histórico-cultural, que interage na narrativa com questões mais gerais da nação indiana.

A visão crítica de Eptácio Pais pode ir além dos horizontes regionais e nacionais para um leitor atento. Critica através de seu discurso, eivado de ironia, a aparente sociabilidade das personagens que ocultam seus interesses obsessivos pelo lucro, a ser conseguido de todas as formas. O grande problema para Goa e também para a Índia e outros países pós-coloniais – poderíamos acrescentar – é a persistência de hábitos advindos do colonialismo. Mesmo em situação de independência da antiga metrópole, continuam “colonizados” em seus hábitos e atitudes. As assimetrias econômicas e culturais continuam e a própria concepção de independência deve ser também colocada entre aspas. A década de 1970, diríamos, vista supranacionalmente, foi um período de muitas dificuldades para países que, como a Índia, puderam depois emergir do ponto de vista político e econômico, formando, décadas depois, o grupo supranacional dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e, mais recentemente, África do Sul).

No romance, Goa é vista diante de uma maré de corrupção, em que Leo, a personagem protagonista – conforme indicam enfaticamente os editores –, “não é nenhuma exceção e não revela nenhuma consciência de cidadania. Quando reflecte sobre as críticas feitas por Krishna, seu amigo *hippie*, ao mundo moderno, aos males da civilização ocidental e às guerras, só pensa: ‘Que vão todos para o inferno’. Leo só concebe a prosperidade pessoal, que pode ser conquistada de forma mais ou menos desonesta” (p. 291). Com esses procedimentos mais explícitos ou implícitos, sobretudo tendo como base o discurso irônico, a enunciação do romance faz sua crítica desde a esfera da vida econômica até a esfera de natureza cultural.

O romance pode ser dividido em duas partes. Na primeira, a personagem central da efabulação mostra-se totalmente enredada pelo mundo dos jogos, de forma explícita e também implícita. É o mundo do capital, das apostas de risco e mesmo das atividades ilícitas de enriquecimento. Na segunda parte, a personagem parece mudar de atitude, procurando discernir novos horizontes, curiosamente em contato com os seus amigos *hippies*. Há a filosofia *hippie* inclinada a um certo existencialismo, mas ironicamente essa perspectiva também se deixa

enredar pelo comércio internacional das drogas – o novo atrativo de Goa, numa dimensão mais geral.

Afirma-se em Goa, assim, o paraíso da contracultura, que o romance em parte acaba por retratar. E, ao lado dessa inclinação, uma outra mais geral, a abertura para o turismo internacional. Se os *hippies* procuravam um outro mundo, de um metafísico Oriente, os novos turistas procuravam encontrar ali uma vertente asiática da Europa, uma Índia *light*. Tais inclinações situam-se no contexto mais geral das nações subalternas anteriormente aqui mencionadas, em que a região acabou por assimilar o que vem de fora, sem valorizar devidamente suas matrizes culturais. É a continuidade da “colonização”, que vem das assimetrias dos fluxos econômicos e culturais.

Como já indicamos, diante da nova situação da Goa pós-colonial, ocorre comutação de papéis. Há sempre uma assimetria social e onde o dominante respaldava-se nas relações de castas, agora as assimetrias são de ordem capitalista, sem que aquelas de castas tivessem desaparecido de fato. Persiste a dominação, por exemplo, do homem sobre a mulher, e mesmo o casamento de Leo com Amy, uma filha de pescadores, embora devesse promover maior sentido de igualdade na relação entre eles, isso não ocorre. Socialmente de classe inferior, a personagem feminina continuará subalternizada nas relações com o marido.

É o que também ocorre nas recorrências supranacionais do romance à África. Em Uganda, a personagem goesa, expulsa por Id Amin, tinha as mesmas atitudes de um europeu na África. Como indicam os editores do livro em seu “Posfácio”, por referência aos tempos da colonização: “É certo que Pais [...] critica a postura dos goeses em África, evidenciando um facto muitas vezes negado em Goa: a de que os goeses, mesmo na condição de colonizados, assumiram o papel do colonizador na África ao lado dos imperialistas europeus” (p. 302). Este é mais um dos sentidos críticos dos processos enunciativos de Eitácio Pais: a comutação de papéis entre castas e também de nacionalidades. E, além disso, as inclinações que preservam as assimetrias de gênero, raça, casta e nacionalidade.

Gilberto Freyre também chegou a Goa. Foi inclusive instrumento de dominação ideológica do colonialismo português da região, para mostrar uma propalada especificidade da maneira de ser do português no mundo, quando após a Segunda Guerra Mundial a Carta das Nações Unidas defendia a autodeterminação de todos os povos. Essa não era a visão de Eitácio Pais quando trazia as persistências das assimetrias mesmo em casamentos intercastas e interracialis.

Esse é um dos importantes aspectos destacados pelos editores em seu esclarecedor posfácio.

Preia-mar constitui, em síntese, um romance importante para o conhecimento das tendências contraditórias da Goa pós-colonial, na década de 1970. Com o seu discurso irônico, a enunciação desconstrói as atitudes dominantes das novas elites goesas, com o desenvolvimento de seus sonhos de enriquecimento fácil pela corrupção, que enredava os empreendimentos industriais, turísticos, a exploração de minérios, o contrabando de mercadorias e outras atividades. É, para além das condições específicas dessa região, uma crítica ao individualismo narcisista, em que o que se conta é o enriquecimento individual, que não tem fronteiras, lícitas ou ilícitas.

Essa maré alta, ou preia-mar – título muito bem concebido pelos editores, que também estabeleceram o texto definitivo para a publicação –, é arrebatadora. Introduz a região goesa na mundialização da economia capitalista, que se alimenta, precisamente, do jogo do lucro. Há sempre um discurso social no jogo dessas águas, isto é, no vai-e-vem contínuo da maré. Ela própria, maré-cheia arrebatadora, nivela a tudo em sua superfície, aparentando identidade em seu discurso, mas na verdade encobrendo e carregando, por baixo de seus fluxos, um mundo outro onde prevalece a lógica individualista do lucro. Uma lógica que a enunciação revela em suas estratégias discursivas de enunciação, de forma irônica, e sobretudo com muito rigor nos processos de que se vale na implicitação tendo em vista a efabulação artística do romance.

Referência

PAIS, Epitácio. *Preia-mar*. Ed. Paul de Melo e Castro e Hélder Garmes. Saligão, Goa: 1556, 2016.

Submetido em 05-07-16

Aprovado para publicação em 19-08-16